

Elsa Cardoso*

Apontamentos sobre a primeira embaixada bizantina em Córdova

R E S U M O | *No ano de 839/840 (225 da Hégira), sob o reinado do emir 'Abd ar-Rahman II, chega à capital do al-Andalus, Córdova, a primeira embaixada bizantina, que transportava uma missiva do imperador Teófilo. O envio desta embaixada insere-se claramente no processo de orientalização do al-Andalus e também nas alterações das dominâncias sofridas no Mediterrâneo da época. Tomando os excertos correspondentes à notícia desta embaixada nas fontes al-Muqtabis II-1 de Ibn Hayyan e Nafh at-tib min ghosn al-Andalus ar-ratib wa Tarikh Lisan Addin bin Al-Khatib de al-Makkari, questionaremos por isso quais os objectivos da mesma e o porquê do seu envio exactamente em 839/840, tomando em atenção o quadro histórico-político mediterrânico. Este artigo deve ser entendido como um ensaio onde se exploram hipóteses de interpretação do significado desta embaixada, inserindo-se dentro do projecto de tese de mestrado da autora¹. Palavras-chave: al-Andalus, Bizâncio, Orientalização, Mediterrâneo.*

A B S T R A C T | *In the year of 839/840 (225 of the Hijrah) the first Byzantine embassy carrying a letter from Emperor Teophilus arrives at the capital of al-Andalus, Cordoba, under the rule of Emir 'Abd ar-Rahman II. The dispatch of this embassy clearly falls within the process of the oriental influence of al-Andalus as well as within the undergoing shift of supremacy in the Mediterranean of that time. Through the historical accounts in the sources al-Muqtabis II-1 by Ibn Hayyan and Nafh at-tib min ghosn al-Andalus ar-ratib wa Tarikh Lisan Addin bin Al-Khatib by al-Makkari, I shall discuss the aims of the embassy and the motivation of its dispatch in 839/840 in the framework of the historical and political circumstances of the Mediterranean. This article must be read as an essay which attempts to appreciate the meaning of this embassy, as it is part of the undergoing research thesis project of its author². Keywords: al-Andalus, Byzantium, Oriental influence, Mediterranean.*

Contextualização do al-Andalus no Mediterrâneo

O Mediterrâneo sempre foi um espaço de aculturação mútua. Um dos mais importantes fenómenos que o Mediterrâneo proporcionou foi o da orientalização. O processo da orientalização não é exclusivo ao período correspondente à existência do al-Andalus, é aliás anterior. Contudo, sendo o território do al-Andalus uma formação tão marcadamente orientalizante, este período da história ibérica é fulcral para o estudo do fenómeno. É precisamente a partir do reinado do

* Investigadora associada do Centro de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

¹ Tese de mestrado registada no Centro de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, intitulada "A diplomacia e a orientalização da corte de Córdova (séculos IX-X)" orientada pelo Prof. Doutor Hermenegildo Fernandes.

² Master thesis registered in the Centre for History, Faculty of Arts, University of Lisbon, under the title "Diplomacy and oriental influence in the court of Cordoba (IXth – Xth centuries)" under the supervision of PhD Hermenegildo Fernandes.

emir omíada de Córdoba, ‘Abd ar-Rahman II, que reina desde 822 até 852, que a orientalização se torna constante, atingindo um dos seus mais altos expoentes.

José Ramírez define a orientalização como um processo de primeira ordem, no que respeita à constituição do al-Andalus, identidade territorial e política que resultou do processo de aculturação da sua população a uma cultura procedente do Oriente³.

Hugh Kennedy diz-nos também que o processo de orientalização permitiu a evolução da corte formal, que toma modelos orientais, especialmente no que concerne a burocracia e a administração. Este autor afirma mesmo que o período do reinado do emir ‘Abd ar-Rahman II é “a primeira época da cultura do al-Andalus”⁴.

Lévi-Provençal já se havia igualmente debruçado sobre este tema, atribuindo um papel crucial à influência que Bagdad exerce sobre o al-Andalus, que toma os seus modelos orientais, “imitando-a”⁵.

Similarmente, Pierre Guichard aprofunda o tema da orientalização da Península Ibérica, desde um ponto de vista antropológico, analisando a importância na península, não só das estruturas sociais árabes, como também atribuindo um papel central às estruturas sociais magrebina e bérberes, todas elas tradicionalmente tribais. Esta obra parte aliás da já antiga discussão que divide a historiografia espanhola do al-Andalus entre “continuidade” e “ruptura”, posições que de resto dão origem aos dois conceitos presentes no título da mesma – estruturas sociais *orientais* e *ocidentais*⁶. A este respeito o autor sublinha que a grande maioria dos medievistas espanhóis tendia a ver o domínio muçulmano como um processo de continuidade histórico exclusivamente hispânico, compreendendo-se como reacção à visão que colocava, até então, o al-Andalus como uma espécie de parentese histórico em Espanha⁷. Refira-se a propósito que, aproximadamente, um século e meio depois a mesma visão ainda não abandonou completamente a historiografia do país vizinho.

‘Abd ar-Rahman II, como primeiro monarca omíada do al-Andalus, cuja legitimidade é incontestável, do ponto de vista político e cultural, é reconhecido como tal pelo império bizantino ao receber os seus embaixadores. De facto, para Constantinopla, a dinastia dos Banu Umayya não era desconhecida, antes pelo contrário, pois foi esta que conquistou uma parte substancial de territórios que estavam sob o domínio do *basileus* aquando da expansão muçulmana. Dinastia de origem tribal árabe, que partilha laços de consanguinidade com o profeta Muhammad, manterá sempre esta memória, usada como arma para legitimar o seu poder, mesmo depois de ter sido expulsa de Damasco e sujeita ao massacre da linhagem masculina pelos abássidas, dinastia que toma o poder e se desloca para Bagdad. ‘Abd ar-Rahman I, bisavô de ‘Abd ar-Rahman II, consegue escapar a este massacre e refugia-se no al-Andalus, logrando declarar o seu poder neste território precisamente porque faz uso dos laços de legitimidade que mantinha com os clientes da dinastia.

Apesar de não ser discutível o papel central que o oriente abássida tem nos modelos escolhidos para a governação e cerimonial da corte do al-Andalus, é necessário chamar a atenção para outro agente político, protagonista no Mediterrâneo, e que no início da expansão muçulmana havia exercido o papel de agente modelador do então embrionário estado muçulmano, governado pelos califas omíadas de Damasco, como já mencionado. ‘Abd ar-Rahman I será também portador dos

³ José Ramírez del Río, *La orientalización de al-Andalus: Los días de los árabes en la Península Ibérica* (Sevilla: Secretariado de Publicaciones de la Universidad de Sevilla, 2002), 19.

⁴ Hugh Kennedy, *Muslim Spain and Portugal: a political history of al-Andalus* (Nova Iorque: Longman, 1996), 45-46.

⁵ Lévi-Provençal, “Espana Musulmana, hasta la caída del califato de Córdoba (711-1031 J.C.)” in *Historia de España*. Tomo IV, dir. Ramón Menéndez Pidal, (Madrid: Espasa-Calpe, 1982), 170-171.

⁶ Pierre Guichard, *Structures sociales “orientales” et “occidentales” dans l’Espagne musulmane* (Paris: Mouton, 1977).

⁷ *Ibidem*, 9.

modelos de governação damascenos, inspirados na corte bizantina, aquando da sua migração para o al-Andalus. Assim, a embaixada de Teófilo em 839/840 insere-se num quadro mais amplo e num processo mais alargado ao longo do tempo e que, no caso específico da identidade omíada do al-Andalus, teria sido iniciado ainda fora deste território. Recorde-se que já o estado visigodo de Toledo havia sofrido uma profunda *bizantinização*, principalmente a partir do reinado de Leovigildo, monarca que adopta modelos de governação daquele império.

Ainda que seja esta a única notícia que possuímos para o século IX de contacto entre o al-Andalus e Bizâncio, acreditamos que esta embaixada não é nula no que à orientalização e à influência bizantina diz respeito, como se tentará expor nas linhas que se seguem. É aliás uma porta aberta para o fluxo contínuo de embaixadas que serão trocadas posteriormente, já durante o califado, documentadas quer pelo *De Ceremoniis* de Constantino VII Porfirogeneta, quer em al-Makkari ou nos Anais Palatinos de al-Hakam II⁸.

Pedro Bádenas reflete sobre as relações entre Bizâncio e a Península Ibérica, afirmando que o Mediterrâneo sempre protagonizou um espaço de interacção privilegiado⁹, desde o extremo ocidental europeu até ao território que hoje conhecemos como Médio Oriente. Este autor menciona ainda, noutra passagem, que “as relações entre Bizâncio e o al-Andalus entre os séculos VIII e X constituem o ponto mais interessante e melhor documentado dos contactos diplomáticos, políticos e culturais entre a Península e o império bizantino”¹⁰.

É neste contexto que, no reinado do emir ‘Abd ar-Rahman II, pela primeira vez em Córdoba, no ano de 839/840 (225 da Hégira)¹¹, se recebe uma embaixada proveniente da corte de Bizâncio.

Fontes para a primeira embaixada bizantina em Córdoba

A primeira embaixada bizantina em Córdoba é transmitida pelo cronista Ibn Hayyan, no *Muqtabis II-1*¹². Ibn Hayyan, cronista palatino do século XI do al-Andalus, nostálgico do poder omíada derrotado, redige, de forma muito precisa e detalhada, os relatos históricos em torno do poder central de Córdoba, sendo que recompila autores de época califal¹³. O seu *Muqtabis II-1*, que contém a história dos reinados de al-Hakam I e do seu filho ‘Abd ar-Rahman II, é a primeira fonte que conhecemos que narra esta embaixada, sendo que ignoramos, até ao momento, a existência de uma fonte bizantina que relate a troca de embaixadas entre os dois poderes. O *Muqtabis II-1* não só transmite a missiva de Teófilo, transportada por um embaixador bizantino, a quem o emir ‘Abd ar-Rahman II acolhe, como também noticia a recepção do embaixador do emir omíada em Constantinopla¹⁴. Este último relato, apesar de conter dados interessantes em relação ao cerimonial em uso, por um lado na corte de Bizâncio, por outro na de Córdoba, é quase

⁸ Constantine Porphyrogenetos, *The Book of Ceremonies*, vol. 2, trad. Ann Moffat, Maxeme Tall (Canberra: Australian Association for Byzantine Studies, 2012); Ahmed Ibn Mohammed al-Makkari, *The History of the Mohammedan Dynasties in Spain*, trad. Pascual de Gayangos. Vol. II, (Londres: Oriental Translation Fund, 1843); Ibn Hayyan, *Anales Palatinos del Califa de Córdoba al-Hakam II*, por ‘Isa Ibn Ahmand al-Razi, trad. Emílio García Gómez (Madrid: Sociedad de Estudios y Publicaciones, 1967).

⁹ Inmaculada Pérez Martín, Pedro Bádenas de la Peña (eds.), *Bizancio y la Península Ibérica: de la Antigüedad Tardía a la Edad Moderna*, (Madrid: CSIC, 2004), IX.

¹⁰ *Ibidem*, XIII.

¹¹ Nas duas fontes que relatam esta embaixada, os cronistas Ibn Hayyan e al-Makkari, citados neste ensaio, apenas mencionam o ano 225 da Hégira, sem mês ou dia, e que pode corresponder no calendário cristão aos anos de 839 ou 840.

¹² Ibn Hayyan, *Crónica de los emires Alṭakam I [sic] y ‘Abdarrahmān II [sic] entre los años 796 y 847 [Almuqtabis II-1]*, trad. Maḥmūd ‘Alī Makkī [sic] y Federico Corriente, (Zaragoza: Instituto de Estudios Islámicos y del Oriente Próximo, 2001), 294 – 298 (“Noticia de la correspondencia entre el emperador bizantino y el emir ‘Abd ar-Rahman”).

¹³ Eduardo Manzano Moreno, *Conquistadores, Emires y Califas: los Omeyyas y la Formación de al-Andalus*, (Barcelona: Crítica, 2006), 475.

¹⁴ Ibn Hayyan, *Almuqtabis II-1*, 228 – 244. O poeta Al-Ghazal e o seu companheiro Yahya, enviados do emir omíada, acompanham o embaixador bizantino de volta a Constantinopla, sendo recebidos pelo imperador Teófilo.

exclusivamente um relato anedótico, com histórias curiosas, mas provavelmente duvidosas e cuja finalidade seria essencialmente a de entreter em vez de transmitir sucessos políticos relevantes que esclarecessem quais os verdadeiros motivos da embaixada de Teófilo. Como tal, o presente ensaio centrar-se-á na análise do relato que respeita a mensagem enviada por Teófilo.

Também o cronista al-Makkari, originário do norte de África e que vive e escreve entre os séculos XVI e XVII, vai recompilar a notícia desta embaixada, sendo que a sua fonte é, sem dúvida, para este relato, Ibn Hayyan, autor que cita ao longo da sua narrativa¹⁵.

A embaixada e a missiva de Teófilo

A missiva de Teófilo chega a Córdoba no ano 225 da Hégira, transportada por um embaixador bizantino, cujo nome, segundo Ibn Hayyan, era Qurtiyus, intérprete de profissão.

Ibn Hayyan nunca deixa transparecer de forma clara o objectivo da mesma, limitando-se a sugestões de entrelinhas. Insinua que seria o de estabelecer com o emir do al-Andalus uma aliança contra os abássidas, que ameaçavam o império de Constantinopla. Para tal, o imperador bizantino incita o emir cordovês a ajustar contas com aqueles que lhe haviam arrebatado o império que Damasco havia sustentado:

Llegó al emir 'Abdarrahman una carta de Teófilo, emperador de los bizantinos en Constantinopla, mencionado por Habib b. Aws Atta'i en su poema sobre la toma de 'Ammuriyyah, tomando la iniciativa de proponerle el establecimiento de relaciones, continuando las que había habido entre sus antepasados en Oriente, mencionándole su derecho al califato allí usurpado a su familia, incitándole a ajustar cuentas a sus perjudicadores, los hijos de Al'abbas'¹⁶.

Em primeiro lugar, deste relato ressalta que o cronista estaria muito bem informado da situação de crise que o império bizantino atravessava, pela tomada abássida de cidades do *basileus*. Fá-lo de forma subtil, usando o pretexto da menção do imperador Teófilo num poema sírio, que transmite precisamente a tomada de Amorio em 838 pelo califa abássida. Este relato revela-nos consequentemente que, longe da corte emiral omíada receber ingenuamente um embaixador do *basileus*, teria conhecimento dos motivos que certamente moveriam Teófilo ao enviar esta missiva.

Não possuímos o texto da mensagem enviada pelo imperador a 'Abd ar-Rahman II. Contudo, Ibn Hayyan transmite-nos o conteúdo da missiva de resposta do emir cordovês. Quer o cronista exagere ou não na avaliação que faz desta mensagem enviada por Teófilo, a verdade é que esta embaixada evidencia a importância do emir do al-Andalus no plano político e imperial da época, com o qual Bizâncio começa a perceber que deve tratar em pé de igualdade. Estas embaixadas poderiam muitas vezes não ter um objectivo específico, apenas aquele de dois poderes preponderantes se reconhecerem mutuamente.

Para al-Makkari não restam dúvidas que o objectivo seria o de assinar um pacto de amizade com o emir cordovês. Afirma mesmo que, devido aos ataques abássidas dos califas al-Ma'mun e al-Muta'ssim, sofridos pelo império bizantino, Teófilo pretendia juntar forças com o omíada contra um inimigo comum. Chega a esta conclusão precisamente pelo facto de Teófilo escrever, na carta que endereça a Abd ar-Rahman II, que havia chegado o tempo de tomar posse do poder e império que os abássidas haviam usurpado:

The Greek, who had of late been greatly harassed by the armies of Al-mamun and Al-mu'tassem, asked Abdu-r-rahman to join forces with him against their common enemies of the house of 'Abbas. To this end he tempted Abdu-r-rahman with the conquest of the empire which his ancestors had possessed

¹⁵ Ahmed Ibn Mohammed al-Makkari, *The History of the Mohammedan Dynasties in Spain*, 114 – 115 (“Greek ambassador arrive in Cordoba”).

¹⁶ Ibn Hayyan, *Almuqtabis II-1*, 294.

*in the East.*¹⁷

Certamente que ao ler e recompilar Ibn Hayyan, al-Makkari compreende também a mensagem do *Muqtabis II-1* ao mencionar Amorio. Tratando-se de um cronista que escreve tardiamente, tinha seguramente a vantagem de possuir uma imagem mais ampla dos acontecimentos que levaram Teófilo a solicitar a ajuda de ‘Abd ar-Rahman II.

Por esta altura, Bizâncio já havia estabelecido *relações diplomáticas*, como define Hugh Kennedy, com o califado abássida de Bagdad¹⁸, califado a quem Constantinopla chega a pagar tributo no século IX. Sugere Lévi-Provençal – primeiro autor que se debruça sobre as relações entre Bizâncio e Córdova, dedicando à primeira embaixada bizantina na capital do al-Andalus um subcapítulo intitulado “As primeiras relações entre Córdova e Bizâncio” – que Teófilo pretendia estabelecer uma frente contra os aglábidas, que não só eram tributários dos abássidas, como haviam conquistado a Sicília¹⁹.

Apesar de Ibn Hayyan deixar passar na sua narrativa que o emir ‘Abd ar-Rahman II se sentia profundamente adulado, nunca deixa contudo de repetir que o seu autor era um “infel insolente” e que tinha-se rebaixado ao ponto de enviar uma missiva por sua própria iniciativa²⁰. Apesar de entendermos que o envio desta embaixada significaria o reconhecimento mútuo de dois poderes hegemónicos, percebemos igualmente que a concepção que Ibn Hayyan faz do envio de um embaixador por Teófilo é a de que o principal poder no Mediterrâneo rebaixara-se ao ponto de enviar por sua própria iniciativa um emissário, o que não só é uma forma de louvar o reconhecimento de um poder como Constantinopla em relação a Córdova, mas também nos leva a pensar que, possivelmente, estaria em jogo um pedido de ajuda. Note-se que sob o reinado de Teófilo o império bizantino não só enfraquece em relação ao abássida, como também atravessa uma crise identitária.

Esta visão de Teófilo como pessoa imperial que se humilha em combinação com a menção de Amorio – ou do bem informado que estaria o poder cordovês quanto à situação de Bizâncio que a mesma menção evidencia – poderia uma vez mais corroborar a vontade do imperador bizantino em estabelecer uma aliança.

A missiva de ‘Abd ar-Rahman II é ainda mais admirável, do ponto de vista da análise do discurso burocrático e da etiqueta, e certamente a caracteriza Lévi-Provençal de “obra maestra da diplomacia cordovesa”²¹. Apesar de extensa, continha apenas uma retórica propagandística, que visava suavizar a negativa da sua resposta. A retórica anda por isso à volta do desprezo expressado contra os abássidas, que haviam massacrado o clã omíada e violado o seu harém, afirmando que chegara a hora da sua dinastia recuperar a autoridade usurpada, esperando por isso a promessa de Deus. Contudo, nada refere sobre uma verdadeira luta, acabando assim com as esperanças que acalentava o soberano bizantino.

Respondendo certamente à chamada de responsabilidade contida na carta de Teófilo, a missiva do emir descarta quaisquer encargos sobre os aventureiros do al-Andalus – exilados por al-Hakam I após a revolta do arrabalde de Córdova e que haviam conquistado Creta em 826 – dando-lhe todo o seu aval para que se livrasse destes:

En cuanto a lo que dices del caso del andalusí Abu Hafy y los de nuestro país que le acompañan, de que se han sometido a Ibn Maridah [forma de escárnio pela qual se refere ao califa abássida] y

¹⁷ Ahmed Ibn Mohammed al-Makkari, *The History of the Mohammedan Dynasties in Spain*, 115.

¹⁸ Hugh Kennedy, *The Prophet and the Age of the Caliphates: the Islamic Near East, from the Sixth to the Eleventh Century*, (Nova Iorque: Longman, 1986), 147.

¹⁹ Lévi-Provençal, “Espana Musulmana”. Tomo IV, 161- 163.

²⁰ Ibn Hayyan, *Almuqtabis II-1*, 295.

²¹ Lévi-Provençal, “Espana Musulmana”. Tomo IV, 162.

*entrando en su obediencia, pidiéndome intervención en sus asuntos y condena de acción, los que se le unieron fueron sólo la hez, el populacho, depravados y vagabundos entre ellos, y ni están en nuestro país ni bajo nuestra responsabilidad, (...) y no creemos seas incapaz ni débil para castigarlos*²².

Com base nestas passagens do *Muqtabis II-1*, é credível que a missiva que Teófilo envia ao al-Andalus constasse de dois tópicos chave. Em primeiro lugar Amorio, pois era ainda um episódio recente que se vinha juntar às restantes perdas bizantinas. Em segundo, mas não menos importante, parece-me seguro afirmar que Teófilo solicitava, se não abertamente, quase, uma aliança que permitisse unir forças com o emir e cuja finalidade seria a de recuperar Creta. Esta ilha havia sido conquistada por aventureiros do al-Andalus que em 816 se estabelecem primeiro em Alexandria e dez anos depois tomam Creta. Desde esta importante base marítima, que mantém durante quase um século e meio (até 961), põem em causa a hegemonia de Bizâncio no que constituía um dos principais canais comerciais da época: o Mediterrâneo. Desconhecemos o que Teófilo teria apresentado ao emir como vantagens para empreender esta expedição. Seguramente que o *basileus* não esperaria uma resposta positiva apenas pela via da exortação da legitimidade de ‘Abd ar-Rahman II ao califado islâmico. O emir descarta-se de qualquer responsabilidade exortando por seu lado a capacidade e soberania de Teófilo, prometendo-lhe igualmente que, no caso de o califado ser restituído aos omíadas, ser-lhe-iam também devolvidos os territórios usurpados pelos abássidas.

Esta não foi a única tentativa de Teófilo de criar alianças que lhe permitissem a restituição dos territórios perdidos. Lévi-Provençal sugere igualmente que o *basileus*, tendo falhado um acordo com os venezianos e os francos, recorre neste momento ao emir omíada²³.

Hipóteses para a embaixada

Para além de Lévi-Provençal, também Fátima Roldán, Pedro Diaz e Emilio Diaz versam sobre as embaixadas trocadas entre Bizâncio e o al-Andalus²⁴. No seu artigo conjunto estes autores fazem uma síntese sobre o tema, ainda que limitando-se a seguir literalmente Lévi-Provençal.

É sem dúvida o artigo de Juan Signes Codoñer que melhor documenta a troca de embaixadas entre os séculos IX e X, sendo que se foca também nas relações informais, tratando a questão dos piratas ou “aventureiros” andaluzes, já atrás mencionados²⁵. Tratando-se de um bizantinista, prefere adoptar uma visão mais centrada na pujança do império bizantino sobre os restantes poderes mediterrânicos, parecendo até sugerir que Teófilo, ao tomar a iniciativa de envio de uma embaixada a Córdoba em 839/840, não estaria tanto a reconhecer o poder omíada, mas sim a tentar atrair os andaluzes à órbita bizantina, ou seja, a lançar uma tentativa de colocá-los como tributários – o que para Signes estaria perfeitamente justificado pelo facto de o *basileus* fazê-lo explorando a tradicional inimizade em relação ao clã al-‘Abbas²⁶. A verdade é que esta visão parece não se coadunar com a já anteriormente referida afirmação de Ibn Hayyan em relação à diminuição da figura de Teófilo, que resulta da iniciativa do envio da embaixada. Sabemos ser possível que Ibn Hayyan, como cronista partidário e nostálgico do poder omíada, pretendesse apenas, através desta afirmação propagandística, louvar o alcance do poder do emirado do al-Andalus. Contudo, tão pouco existe informação que indique que os omíadas

²² Ibn Hayyan, *Almuqtabis II-1*, 297.

²³ *Ibidem*, 161.

²⁴ Fátima Roldán Castro, Pedro Diaz Macias e Emilio Diaz Rolando, “Bizancio y al-Andalus, embajadas y relaciones”, in *Erytheia* 9.2, (1988).

²⁵ Juan Signes Codoñer, “Bizancio y al-Andalus en los siglos IX y X”, in *Bizancio y la Península Ibérica. De la Antigüedad Tardía a la Edad Moderna*, ed. Inmaculada Pérez Martín, Pedro Bádenas de la Peña, (Madrid: CSIC, 2004).

²⁶ *Ibidem*, 199.

possam ser entendidos pelos bizantinos como tributários e parece pouco credível que nesta época Constantinopla pudesse estar em posição de possuir tais pretensões.

Menciona que o envio desta embaixada estaria relacionado com a questão de Creta e com a situação volátil da Sicília, mas afirma que o seu envio por Teófilo foi uma reacção directa à tomada de Amorio em 838 pelo califa abássida²⁷. Esta aproximação resulta interessante, principalmente se tomarmos em conta a abertura da notícia no Muqtabis II-1, como já aqui ficou exposto, ainda que, na missiva que ‘Abd ar-Rahman II envia em resposta, não se mencione a situação de Amorio, referindo-se sim expressamente a de Abu Hafis.

Amorio seria por isso a “última gota” para os bizantinos. Ostrogorsky, que nada menciona em relação à embaixada que Teófilo envia ao emir de Córdoba, aponta mesmo que a tomada de Amorio pelo califa abássida al-Muta’ssim a 12 de Agosto de 838 causa uma “esmagadora impressão” nos bizantinos, pois não só era a cidade mais importante do *Thema* da Anatólia, como também era o berço da dinastia reinante²⁸. Após a tomada de Amorio, o imperador bizantino despacha embaixadas aos francos e venezianos, que procurariam alianças militares contra os abássidas, facto também apontado por Lévi-Provençal e já mencionado neste ensaio.

Por seu lado, Provençal sublinha que resultaria demasiado pedir que um emir muçulmano, como o omíada, interviesse em favor dos bizantinos cristãos, mesmo contra um inimigo comum²⁹.

É possível que esta evocação dos abássidas como usurpadores constituísse uma arma propagandística, capaz de seduzir o emir do al-Andalus para uma aliança, não alentando esperanças demasiado fantasiosas de uma frente militar conjunta. Ainda assim, tudo indica que Teófilo, ao tentar mover apoios em várias cortes mediterrânicas, procuraria precisamente cimentar alianças que pudessem desencadear a sua vitória sob os territórios que havia perdido.

Signes prefere um olhar no qual Córdoba e Constantinopla são vistas como partes de dois mundos absolutamente opostos, afirmando mesmo que estas embaixadas marcam um episódio sem continuidade entre dois mundos muito diferentes³⁰. Apesar de não termos notícia de mais nenhuma embaixada bizantina em Córdoba até ao califado de ‘Abd ar-Rahman III, resulta claro que a delegação enviada por Teófilo tem consequências. Aliás, como já atrás referido, Bizâncio sempre foi um modelo a todos os níveis para os omíadas, principalmente os de Damasco. Após a sua ascensão ao poder na cidade síria adoptam os mesmos modelos administrativos, cerimonial ou modelos artísticos, como a divisão territorial ou a arquitectura religiosa tipicamente bizantina – elementos palpáveis que se enquadram no tópico da orientalização do al-Andalus. Tendo sido já aqui indicado, estes modelos são transportados para o al-Andalus pela mão de ‘Abd ar-Rahman ad-Dakhil, o imigrado. Essa memória e modelos que os diferenciam do modelo sassânida dos abássidas, continuam sempre presentes no seio da dinastia omíada, que chega a contratar artesãos bizantinos quer para a mesquita de Córdoba quer para Madinat al-Zahra, factos aliás que Signes conhece e cita, e que não terão sido certamente despoletados com o envio posterior das embaixadas de Constantino VII *Porphyrogenetos* no século X, mas sim por um processo demorado que à primeira vista pode apenas aparecer como descontínuo. Este mesmo percurso permitirá a abertura a um processo de bizantinização mais assíduo, tal como refere Fernando Valdés, para o reinado de al-Hakam II³¹, autor que por ser de profissão arqueólogo se debruça nos vestígios que atestam esta mesma orientalização proveniente de terras do *basileus*.

²⁷ *Idem*, 199.

²⁸ George Ostrogorsky, *History of the Byzantine State*, trad. Joan Hussey, (Edição revista, New Jersey: Rutgers University Press, 1969), 208.

²⁹ Lévi-Provençal, “Espania Musulmana”, Tomo IV, 346.

³⁰ Juan Signes, “Bizancio y al-Andalus”, 207.

³¹ Fernando Valdés Fernández, “De embajadas y regalos entre califas y emperadores”, *Awraq*, n.º 7, (2013), 38-39.

É aliás durante o reinado de ‘Abd ar-Rahman II, e apesar de todas as reformas administrativas que este introduz provenientes do oriente abássida, que o emir institui o *tiraz*, instituição presente em Bizâncio e na Pérsia sassânida e cujas origens parecem remontar ao início do império bizantino³² – “Este emir fue el primero que estableció en Alandalús esta manufactura”³³. Por estes motivos resulta pouco natural Juan Signes declarar em modo de conclusão que, talvez, a única consequência destes contactos, durante o reinado do emir ‘Abd ar-Rahman II, seja a introdução de um novo tipo de fogueira no al-Andalus, desconsiderando o processo alargado da orientalização.

Apoiando-nos em Lévi-Provençal, Córdoba era uma metrópole muçulmana capaz de rivalizar com Qayrawan e outras cidades do oriente (acrescentaríamos também Bagdad e Samarra), não se comparando às capitais europeias, às quais excedia em muito, e cujo prestígio só poderia ser comparado ao de Constantinopla³⁴. Prova disso é o facto do imperador Teófilo tomar a iniciativa do envio da primeira embaixada bizantina a Córdoba, sinal indiscutível do poder omíada cordovês. Usando as palavras do mesmo autor: o emir “sentia-se infinitamente lisonjeado, já que nada podia assegurar-lhe mais a convicção de que era um soberano poderoso e respeitado”³⁵.

Porque envia Teófilo uma embaixada em 838?

Porque envia então Teófilo esta embaixada ao emir ‘Abd ar-Rahman II? À primeira vista é evidente que se trata do reconhecimento de um poder hegemónico no Mediterrâneo em relação a outro que começa a ter potencial para sê-lo, como já atrás sublinhámos. Parece que esta não é por isso a pergunta certa a colocar, mas antes devemos questionar-nos porque escolhe o imperador enviar esta embaixada precisamente neste momento.

Constantinopla começa a perceber que o seu controlo no Mediterrâneo está ameaçado. Em 826 Creta é tomada pelos aventureiros andaluzes, no ano seguinte os aglábidas, dinastia berbere tributária do império abássida, conquistam a Sicília. Amorio, importante entreposto comercial e cidade natal da dinastia de Teófilo, é tomada pelo califa abássida al-Mut’assim no ano de 838.

Outro dado importante e que pode trazer alguma luz sobre a situação desesperante de Teófilo é aquele transmitido por Ibn Khaldun na sua *História das Dinastias Berberes*. No ano de 830, aproximadamente (214 da Hégira), chega às costas da Sicília uma frota proveniente do al-Andalus, acompanhada de uma frota norte-africana³⁶. Esta frota proveniente da Península Ibérica apoia a expansão aglábida nesta ilha, ajudando na tomada de Palermo no mesmo ano. Assim, Teófilo perde definitivamente a ilha. Ibn Khaldun nada menciona em relação à ligação desta frota com o poder central em Córdoba, mas tal como no caso dos aventureiros andaluzes de Creta, não é provável que estivesse às suas ordens. Aliás, não parece credível que o emir cordovês apoiasse uma dinastia norte-africana tributária dos abássidas. A Lévi-Provençal parecem não restar dúvidas de que estes piratas ou aventureiros actuavam sozinhos e que nenhuma ligação

³² O nome *tiraz*, por ser claramente de origem persa, tem suscitado discussão no mundo académico, tendo por isso alguns estudiosos colocado a sua origem no mundo sassânida. Contudo, esta instituição é estabelecida também pelos imperadores bizantinos, ainda que sob a denominação de *ginecea*, para o fabrico de trajes reais. Estando os omíadas de Damasco estabelecidos numa antiga província síria bizantina, terá sido por via deste império que adoptam esta instituição, introduzindo-a no mundo muçulmano. A este respeito veja-se P.J. Bearman, Th. Bianquis, C.E. Bosworth, E. van Donzel and W.P. Heinrichs (ed.), *Encyclopaedia of Islam*, vol. X (Leiden: Brill, 2000), 534-535].

³³ Ibn Hayyan, *Almuqtabis II-1*, 180.

³⁴ Lévi-Provençal, “Espana Musulmana”, Tomo IV, 358.

³⁵ *Ibidem*, 162.

³⁶ Ibn Khaldun, *Histoire de l’Afrique sous la Dynastie des Aghlabites*, trad. A. Noel des Vergers, (Paris: Imprimeurs de l’Institut de France, 1841), 112.

teriam com o emir do al-Andalus³⁷.

Ostrogorsky chama a atenção para o facto de os bizantinos terem descuidado a defesa do Mediterrâneo, após a queda dos omíadas de Damasco, que possuíam uma importante frota naval. Contudo, diz-nos, o perigo marítimo já não era proveniente do oriente, de Damasco ou Bagdad, mas antes da Hispânia, de onde saem os piratas andaluzes que conquistam Creta em 826³⁸. Percebemos que para Ostrogorsky, os piratas hispânicos, associados ou não ao poder central, directa ou indirectamente, são também os causadores da instabilidade mediterrânica que assola o reinado de Teófilo e que coloca em xeque o poder bizantino e a sua hegemonia nesta importante área de circulação.

Provençal chama a atenção para o silêncio significativo que as Fontes do al-Andalus guardam no que respeita às relações que o emir cordovês manteria, por um lado com os idríssidas de Marrocos, por outro com os aglábidas³⁹. Contudo, acrescenta na mesma passagem que, apesar de nada se mencionar sobre as relações com estes poderes, estas não seriam certamente inexistentes, pois Qayrawan, capital aglábida, era o entreposto mais importante onde chegavam as inovações abássidas, que depois eram transferidas a Córdova.

Note-se que o emir de Córdova, quando recebe a notícia do soberano norte africano Aflah ben 'Abd al-Wahab ben Rustum, que se gaba da destruição que inflige à cidade palatina fundada pelos aglábidas, al-Abbassya, envia-lhe 100.000 dracmas como recompensa pelo seu feito⁴⁰. Os rustumidas eram aliás tributários de Córdova, enviando uma embaixada em 822 à capital do al-Andalus⁴¹. Este importante dado, transmitido por Ibn Khaldun, revela que o emir do al-Andalus estaria muito bem informado em relação à situação política do norte de África e que se imiscuía directamente nos seus assuntos. Neste caso, resulta evidente que apoiava os soberanos que declaravam guerra aos aglábidas. Estaria a par destes acontecimentos, por intermédio dos seus tributários. Apesar de certamente não ver com bons olhos a rápida expansão dos aglábidas no Mediterrâneo, não pretenderia um ataque directo, já que Qayrawan se revelava um importante entreposto comercial, deixando essa difícil empresa para aqueles directamente afectados, os bizantinos.

Para entendermos a perda que é infligida a Bizâncio, não esqueçamos a situação estratégica primordial da Sicília, como território de articulação entre uma e outra margem do Mediterrâneo. Recorde-se que em 663 o imperador Constante II muda a sua capital para Siracusa, pois desde a Sicília poderia não apenas controlar os ataques da expansão árabe, mas também os ataques lombardos⁴².

Central também é entendermos que Teófilo era, tal como o emir 'Abd ar-Rahman II, um soberano que abria a sua corte às influências abássidas. Segundo Ostrogorsky, o reinado deste imperador coincide com a época de maior influência da cultura árabe sobre o mundo bizantino, autor que associa esta influência ao zelo iconoclasta do imperador Teófilo⁴³. Este autor afirma mesmo que Teófilo constrói a sua figura à semelhança do exemplo protagonizado pelo califa abássida Harun ar-Rashid.

O fascínio que a cultura árabe-muçulmana exercia em Teófilo levá-lo-á a sentir-se suficientemente à-vontade para enviar emissários até a um potentado muçulmano no extremo

³⁷ Lévi-Provençal, "Espania Musulmana", Tomo IV, 158.

³⁸ *Ibidem*, 205.

³⁹ *Idem*, 158.

⁴⁰ Ibn Khaldun, *Histoire de l'Afrique sous la Dynastie des Aglabites*, 112.

⁴¹ Lévi-Provençal, "Espania Musulmana", Tomo IV, 159.

⁴² George Ostrogorsky, *History of the Byzantine State*, 122.

⁴³ *Ibidem*, 206.

ocidental europeu. Este fascínio revela também a fragilidade de Bizâncio no quadro imperial da época, já que um século e meio antes o seu império havia sido o modelo para os califas muçulmanos, então em expansão, sendo que neste momento a hegemonia dos abássidas é palpável até pela forma como as cortes circundantes bebem dos modelos que ditam.

Conclusão

Os omíadas de Damasco eram então conhecidos pelos bizantinos como detentores de uma frota naval que ameaçava o poder imperial frequentemente. Apesar da conquista de Creta e de Palermo terem sido levadas a cabo por piratas andaluzes que estariam alienados do poder central omíada, o emir 'Abd ar-Rahman II era também detentor de uma frota marítima que usava não apenas para defesa do seu território ibérico, mas também para defender os seus interesses no norte de África.

Em modo de síntese, recorde-se que em 826 os aventureiros do arrabalde de Córdova tomam Creta. Esta ilha constituía uma das principais bases estratégicas do Mediterrâneo, desde a qual os aventureiros lançam ataques contínuos na área circundante bizantina e, apesar das inúmeras tentativas, Bizâncio só conseguirá recuperá-la quase um século e meio depois. Um ano depois da tomada de Creta, a Sicília é conquistada pelos aglábidas, o que, segundo Ostrogorsky, resulta na perda de predominância bizantina no Mediterrâneo⁴⁴.

Relembre-se ainda a tomada definitiva de Palermo em 830 com a ajuda de piratas provenientes do al-Andalus.

Apesar da existência de Bizâncio não estar directamente ameaçada, pois a capital do império muçulmano, Bagdad, estava demasiado longe de Constantinopla, a supremacia dos bizantinos sofre outro golpe em 838 com a tomada de Amorio, importante fortaleza da Anatólia. Como também já atrás mencionado, a tomada desta cidade parece despoletar o envio de embaixadas aos francos e aos venezianos.

A partir do século IX há a entrada em cena desta nova potência localizada no extremo ocidental do mar comum e que emerge das ruínas, quase um século depois, do império construído por Damasco. O al-Andalus, governado pelo poder omíada de Córdova, herdeiro directo, ou pelo menos assim se proclamava, dos califas omíadas de Damasco, adquire a sua identidade cultural distinta no século IX, pela mão do emir 'Abd ar-Rahman II. Esta construção identitária que 'Abd ar-Rahman II protagoniza logra o reconhecimento da legitimidade territorial e cultural omíada, não só aos olhos dos seus súbditos, mas também em relação a poderes imperiais como o de Bizâncio.

Teófilo percebe que poderia usar o perigo hispânico em seu favor. Também compreende que este poder controla praças e possui tributários no norte de África, e que, se assim o desejasse, poderia comandar os seus tributários e quiçá mover as suas forças em aliança com as do *basileus* na tentativa de recuperação de Creta ou Palermo, já que não é credível que Teófilo colocasse alguma esperança no emir de Córdova no sentido de recuperar Amorio. Amorio estava demasiado longe e seguramente que o emir não tiraria qualquer partido em aventurar o seu exército tão longe e em terras abássidas. Ainda que o poder de Córdova estivesse em ascensão, não parece ter pretensões ou ser capaz de enfrentar os abássidas, ou se assim fosse já se teria sentido suficientemente forte para adoptar a denominação de califado, o que só acontecerá em 929. Por outro lado, a Sicília pertencia agora aos aglábidas, protegidos também dos abássidas, inimigo que não poderia enfrentar.

Teófilo, ao contactar com o emir 'Abd ar-Rahman II coloca ênfase especial na situação de

⁴⁴ *Idem*, 206.

Creta por ser esta a que mais directamente poderia dizer respeito ao emirado peninsular, quase sugerindo que 'Abd ar-Rahman II não tinha autoridade para controlar os seus súbditos, que empreendem capturas no Mediterrâneo sob o nome de um líder não reconhecido.

É apontado pela bibliografia mencionada neste artigo que a troca de embaixadas entre os dois poderes se interrompe abruptamente até ao século seguinte, contudo isto pode ser explicado pela declaração de paz entre Teófilo e al-Mu'assim em 841, sendo que o *basileus* já não necessitará de recorrer a outros poderes paralelos.

Creta, Sicília e Amorio. A combinação destes três desastres para Bizâncio faz despoletar a primeira embaixada bizantina enviada por Teófilo. O seu enfraquecimento no Mediterrâneo e o facto destes aventureiros, que conquistam Creta e que ajudam à tomada de Palermo, serem provenientes do al-Andalus, cria o pretexto que o *basileus* necessitava não só para entrar em contacto com o emir omíada, como também para solicitar o seu apoio, já depois do propósito das suas embaixadas às cortes veneziana e franca ter falhado.